

J. FERNANDES MASCARENHAS

AS FESTAS DO NATAL,
ANO BOM E REIS
NO ALGARVE

(SUBSÍDIOS DE ETNOGRAFIA E FOLCLORE)

TAVIRA
1965

J. FERNANDES MASCARENHAS

DO INSTITUTO DE COIMBRA E DO INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA, HISTORIA E ETNOGRAFIA

*As Festas do Natal,
Ano Bom
e
Reis no Algarve*

(SUBSÍDIOS DE ETNOGRAFIA E FOLCLORE)

*À prezado Sr. J. de F. da
Silva Soares, com muita
consideração e amizade,*

Ojerou o autor.

J. de Fernandes Mascarenhas

SEPARATA DO JORNAL

"POVO ALGARVIO"

1965

Mascarenhas, 30/11/84

DO AUTOR

- Aspectos da Revolução Nacional.*
A Casa do Algarve em Lisboa.
Da Origem e Evolução das Armas Nacionais; sua critica.
O que os documentos nos dizem sobre alguns aspectos da vida económica do Algarve no século XVIII.
Nicho e Capela de S. Gonçalo de Lagos (Relatório sobre a sua restauração).
No Rumo da Educação.
A luta contra os franceses em Olhão à luz de novos documentos.
A origem da Ordem do Carmo em Portugal nas suas relações com a Ordem de Malta.
S. Gonçalo de Lagos — Subsídios para o estudo da sua personalidade e do seu culto (IV da colecção «Estudos Algarvios» — edição da Casa do Algarve em Lisboa).
A Herdade da Corvada e o Tratado das Terçarias de Moura.
Organismos Officiais de Estatística Portugueses e seus Dirigentes — Da Secção de Estatística e Topografia ao Instituto Nacional de Estatística (1841-1958).
As Festas do Natal, Ano Bom e Reis no Algarve (Subsídios de etnografia e folclore).
- Por terras do Algarve — Ensaio de História e Arqueologia:
- D. Maria da Graça Pessanha e a Capela da Farrobeira.*
A Arte Gótica no Algarve — Uma imagem da Virgem e uma cruz na igreja de Santo Estêvão de Tavira.
O Vinho da Fuseta na Economia do Algarve (Subsídios).
Origem dos Topónimos das Freguesias do Concelho de Olhão e de alguns dos seus sítios.

... e, infelizmente, grande parte das tradições mais belas do nosso povo. Que diferença fazem hoje as festas do Natal, Ano Bom e Reis no Algarve! Embora elas aí talvez nunca tivessem tido um cunho tão característico como no Minho e nas Beiras, todavia, tinham outrora um certo interesse, segundo narração que ouvimos a pessoas antigas e através dos últimos abencerragens que ainda tivemos o ensejo de verificar na nossa infância. Hoje, ainda há quaisquer vestígios desses tempos, porém, já sem aquele encanto de que se revestiam tais festas.

I

Considerações Gerais

Tudo se vai perdendo com o tempo e, infelizmente, grande parte das tradições mais belas do nosso povo.

Que diferença fazem hoje as festas do Natal, Ano Bom e Reis no Algarve!

Embora elas aí talvez nunca tivessem tido um cunho tão característico como no Minho e nas Beiras, todavia, tinham outrora um certo interesse, segundo narração que ouvimos a pessoas antigas e através dos últimos abencerragens que ainda tivemos o ensejo de verificar na nossa infância.

Hoje, ainda há quaisquer vestígios desses tempos, porém, já sem aquele encanto de que se revestiam tais festas.

II

Como arramavam o Menino Jesus

Mal chegava o dia de Nossa Senhora da Conceição toda a gente semeava as *searinhas* (o trigo posto a germinar em

pratos e tigelas), com que se havia de ornar o *Menino Jesus*, como vulgarmente chamam ao presépio no Algarve, de mistura com flores de papel de cores garridas e laranjas, servindo de suportes às mesmas flores.

O *Menino Jesus*, regra geral, constava de um trono rústico feito de caixas de madeira forradas de alvo lençol de linho, tecido aos serões pelas moças da serra. Todo esse conjunto era colocado sobre a cómoda, móvel existente na *casa de fora*, a sala principal da habitação campesina que fica fronteira à porta de entrada. E o Divino Infante, com o Seu resplendor de prata, em vez de se apresentar deitado nas palhinhas, dominava do Seu trono toda a casa, desde o Natal ao dia da Senhora das Candeias, ou mais vulgarmente ao dia do mártir São Vicente, padroeiro de Lisboa e do Algarve.

É para notar que o tipo clássico de presépio com figuras modeladas pelos nossos barristas também se verificava uma vez ou outra, como por exemplo o pitoresco presépio da Barranquinhas, no sítio do Gião da freguesia de Moncarapacho e o de D. Marta em Tavira.

Parece mesmo que ainda estamos a ver a Barranquinhas, uma respeitável senhora muito idosa, com uma varinha na mão a indicar aos visitantes quais as cenas e as figuras que constituíam o seu presépio. Parecia uma mestra de escola, à maneira antiga, com o ponteiro a explicar aritmética.

Este presépio, bastante célebre, foi vendido por morte da Barranquinhas para o sítio do Olheiro, na freguesia de Santo Estêvão, onde ainda o fomos ver com o nosso primo e amigo de infância, João Graciano da Silva Eusébio, num dia de Reis, tal o encanto que sempre nos despertaram as cenas do presépio. Essa visita, ainda nos recorda, foi realizada de jumento qual fuga para o Egípto...

No *Menino Jesus* viam-se as tais laranjas floridas e ramos de murta fresca, cujo aroma silvestre, de mistura com o da alfazema queimada, dava à habitação um ambiente de grande festa, idêntico ao que se verifica quando nasce uma criança da família ou se baptiza. E aos pés da cómoda, atapetando a sala, uma grande esteira de empreita (tecido de palma) com desenhos a vermelho, azul e verde, quer para tornar o conjunto mais agradável e festivo, quer para conforto dos visitantes, visto o pavimento das casas térreas do Algarve ser, por via de regra, revestido de ladrilhos.

III

A Noite de Natal

Vinha a noite de Natal—a noite grande—em que no templo paroquial se celebrava, como ainda hoje, a Missa do galo. Todos, sobretudo as crianças, ansiavam por ela, preparando com a devida antecedência os seus colares de bolotas que, pendurados nos fumeiros, se destinavam a ser comidos nessa noite de festa; diziam que *para não doer os dentes durante o ano!*

Este costume felizmente perdeu-se, pelos abusos a que dava lugar. Por outro lado, quem tinha campainhas e guizos levava-os ao templo para os tocarem na altura do *Gloria in excelsis Deus*.

Acabada a Missa e depois de ter sido dado a beijar o Menino Jesus, por entre cânticos cheios de unção religiosa, dirigiam-se para as suas casas a fazer a ceia do Natal. Não com o clássico prato de bacalhau com couves, como é costume no norte, mas com lombo de porco frito com ameijoas ou conquilhas (as condelipas de Lagos muito da predilecção do Conde de Lippe) e linguças assadas no espeto, do porco morto algumas semanas antes desse dia e laranjas. As laranjas e as tangerinas são as frutas próprias da quadra!

A tradicional ceia era, portanto, depois da Missa, porquanto a vigília do Natal era de jejum rigoroso e abstinência de carnes.

Em algumas terras da mesma província, nessa noite faziam também fritos e os rapazes, em grupos, cantavam pelas portas ao Menino Deus.

Tal costume verificava-se um pouco nas terras marítimas e raianas, pois, nas restantes quando se canta é pelo Ano Bom e Reis. Há mesmo terras, como Olhão, onde o prato da ceia do Natal é constituído pelos litões guisados, um peixe seco que se guarda para essa altura.

Em torno do madeiro do Natal — bocado de tronco de uma

árvore que era colocado na lareira até ao dia de Reis, os presentes confraternizavam, evocando com saudade os ausentes que um dia partiram para o estrangeiro em demanda de meios de fortuna, os que andavam sobre as ondas do mar e, finalmente, aqueles entes queridos que, tendo baixado à sepultura, foram também fervorosos entusiastas da inolvidável e sempre nova festa do Natal.

Noite de recordações! Noite santa de sabor verdadeiramente cristão!

Esse madeiro de que falamos que, no norte, arde à porta dos templos durante a Missa do galo como já tivemos o prazer de verificar pessoalmente, simboliza Cristo que é o «verdadeiro Sol Divino que venceu pelo seu nascimento as trevas do pecado e do demónio!» Na liturgia Síria de Antioquia, segundo Mons. Estêvão Rahal, Vigário Geral do Arcebispado católico da Síria, durante a Missa quando se lê no Evangelho «Glória a Deus nas alturas...», o celebrante interrompe a Missa e com uma vela acende uma pequena fogueira no meio da igreja; depois toma o Menino Jesus nas mãos sobre um pano de seda e com todos os fiéis assistentes dá três voltas à roda desse fogo enquanto o coro entoia «Glória a Deus» em sírio. Após esta procissão vai colocar o Menino Jesus no presépio da igreja.

Esta cerimónia, segundo o referido sacerdote sírio, remonta a 15 ou mais séculos. Claro que os pagãos já festejavam o solstício do Inverno com fogos de alegria, isto é, para simbolizar a vitória da luz sobre as trevas, dado que a partir de 25 de Dezembro os dias aumentam e as noites diminuem.

A igreja síria adaptando esta cerimónia não fez mais do que cristianizar um costume muito antigo da vida dos povos, enriquecendo-o de significado e o povo repete muitas vezes esta prática tradicional com desconhecimento do seu verdadeiro significado. (Vide *O Natal em Damasco*, jornal «Novidades», de 12-12-1959).

Ao mesmo tempo que o madeiro arde à porta dos templos, nas chaminés, os sapatinhos estão esperando a meia-noite. É que o Menino Jesus virá distribuir muitas ofertas às crianças que, durante o ano, tivessem sido obedientes aos seus pais e professores.

Este costume, originário de outras províncias do País, está porém mais radicado nos centros urbanos do que nos rurais.

IV

No Dia de Natal

Na manhã seguinte, todos envergando os seus melhores fatos, se dirigiam para o templo a assistir à Missa da festa, que, nas povoações onde existiam filarmónicas, era abrilhantada pelas mesmas, assim como a Missa da meia-noite.

Depois da Missa da festa, seguia-se a arruada pelas povoações dando as boas-festas. Todas as portas das casas ricas e remediadas (estas em maior número no Algarve), se abriam para *obsequiar* os filarmónicos com bolos folhados (os bolos do Natal), vinho e laranjas. A primeira casa a visitar era a do chefe espiritual da freguesia — o senhor Prior. E os sinos repicando, continuamente, davam às terras um ar festivo e alegre por ter nascido o Redentor.

Na tarde, havia o jantar com a família toda reunida.

V

Representação dos Autos Sacramentais

Na noite, seguia-se a representação dos Autos Sacramentais, uma adaptação dos *Autos Sacramentales* espanhóis, o que aliás não admira, dada a proximidade do Algarve a terras andaluzas, ou então os autos portugueses de sabor vicentino.

Os ensaios preparatórios de tais autos, que fizeram o encanto de algumas gerações que nos precederam, começavam meses antes *para saírem na perfeição*.

Nesses autos colaboravam muitas famílias das aldeias onde os mesmos tinham lugar. Espectáculos ingénuos de certa beleza, iniciavam-se pouco depois do sol se pôr e prolongavam-se até tarde. Era uma das excepções, visto ser hábito toda a gente, a não ser os noctívagos, que sempre os houve, se deitar

logo após o toque das almas (21 horas), depois de se ter orado pelos mortos queridos.

Um desses autos conhecemos nós que, uma vez estudado e devidamente comentado gostaríamos de o publicar acompanhado de algumas das suas músicas, que não se encontram escritas mas que, felizmente, as temos gravadas num rolo de fita magnética. São de certo modo interessantes e hoje quase ninguém as conhece. Eram-nos cantadas pela nossa avó materna, que tinha feito o papel de anjo nesse referido auto, representado em Moncarapacho.

«Os dramas litúrgicos do Natal e da Ressurreição, diz o Prof. Luís Chaves, produziram no século X os espectáculos teatrais, com montagens apropriadas ao assunto, que nas comemorações do Natal eram presépios onde as personagens vivas representavam os seus papeis».

«Os exageros de representações e os excessos dos assistentes levaram as autoridades eclesiásticas a proibir essa imiscuição do divino, intangível, no humano, repreensível e condenável». (*Letras e Artes*, das Novidades, de 25/12/62).

Esses autos que outrora eram exibidos no Algarve nas igrejas e nos seus respectivos adros, deixaram de o ser a partir de certa época. No entanto, a sua representação subsistiu em teatros improvisados, em armazéns e nas salas mais espaçosas das aldeias e dos campos.

A sua proibição vem expressa no capítulo VIII das *Constituições do Bispado do Algarve*, datadas de Silves, de 14 de Janeiro de 1554, durante o pontificado do bispo D. João de Melo. O título do mesmo capítulo diz: «que não comam nem bebam, nem façam jogos, representações, nem outras muitas coisas em igrejas ou adros delas». Tais constituições resultaram de um importante sínodo, sobre o qual, diz-nos D. João de Melo (o prelado que conseguiu a transferência da Sé de Silves para Faro, embora só efectuada durante o pontificado de D. Jerónimo Osório), que «primeiro vimos e examinamos com muita deligência e conselho de letrados as constituições que havia, e novamente era necessário ordenarmos». Quer dizer que apesar destas Constituições terem sido as primeiras publicadas, já outras existiam, pelas quais se regia a Diocese do Algarve. É o próprio prelado nas referidas constituições diz-se «bispo deste reino do Algarve» e não bispo de Silves exclusivamente.

Vejamos alguns versos desse célebre Auto Sacramental. Foram-nos ditados por algumas pessoas amigas, entre as quais o

nosso saudoso amigo e dedicado moncarapachense sr. José Miguel de Brito e suas filhas.

A essa montanha,
A ver Maria,
Oh, divina aurora,
Glória a alegria.

A essa montanha,
A ver Isabel,
Oh, divina aurora,
Glória de Israel.

A Belém pastores,
Não fique ninguém
Adorar a Virgem
E o filho que tem.

Alguns destes versos e sua respectiva música, já os ouvimos cantar em Lisboa com a designação de Natal da Índia, mas o que de positivo sabemos é que eles fizeram parte desse Auto Sacramental que foi representado no Algarve, em Moncarapacho, e certamente noutras terras, cujo manuscrito tem havido enorme dificuldade em o obter, em virtude da mudança de residência dos seus possuidores. Ao que supomos, presentemente está na Argentina, caso não tivesse sido destruído como coisa inútil.

Mais outros desses versos:

Eu peço agasalho,
De dentro do coração,
Oh, dai-me filho a vossa alma,
Dar-te-ei meu coração.

Coro

Senhor S. José,
Esposo de Maria,
Abençoai esta casa,
Enchei-a de alegria,
Abençoai esta casa,
E toda a companhia.

A música dedicada a S. José, esposo de Maria, é alegre, dum alegria que enche verdadeiramente de optimismo a casa onde é cantada.

O povo de Loulé, terra de boas tradições musicais e cristãs, também canta pelo Natal alguns versos bem interessantes.

Deles tivemos nós conhecimento através da *Gazeta Mobil Clube*, de Dezembro de 1959, os quais com a devida vénia transcrevemos:

«Loas da Noite de Natal

Oh, que noite tão serena,
Cercada de esplendores!
Nasceu da Virgem Maria,
Um ramalhete de flores.

Reclinado no presépio,
O Menino Jesus chora
Lágrimas que o céu estima,
Pérolas que o mundo adora.

Ó meu Menino Jesus,
Nascidinho na pobreza,
Tomai posse da minha alma,
Minha única riqueza!»

Ataíde Oliveira no seu *Romancciro e Cancioneiro do Algarve*, Porto 1905, também nos indica cânticos do Natal, das Janeiras e dos Reis, segundo a lição de Loulé.

Noite de Natal

Cantem vamos cantar
Cheios de Santa alegria
Que nasceu o Deus Menino
Filho da Virgem Maria.

Janeiras

Esta noite é d'Ano Bom
É noite de mercimentos
Por ser a primeira noite
Que Jesus sofreu tormentos.

Chacotas

Esta casa é bem branquinha
É talhadinha ao picão
À gente que nela mora
Deus lhe dê a salvação.

Ó meu menino Jesus
Vestido de azul celeste
Eu quero aprender a ler
Haveis de ser o meu Mestre.

Ó meu Menino Jesus,
Quem vos deu a casaquinha?
Deu-me minha avó Santana
Minha avó, minha madrinha.

Oh que noite tão serena
Cercada de esplendores!
Nasceu da Virgem Maria
Um ramalhete de flores.

No *Cancioneiro Músico-Popular* (Relatório do trabalho de recolha para a organização duma discoteca de Música Popular Portuguesa, da brigada de técnicos chefiada por Armando Leça) - Lisboa, 1940, há algumas referências às Janciras e Reis do Algarve que se cantam em Estômbar. E a propósito dos cantares algarvios diz-nos o referido cancionero: «Observa-se que o cancionero popular algarvio comparticipa, a seu geito, das festas anuais comuns às outras regiões, como o Natal, os Reis, e as fogueiras de Junho; ouve-se o *Encomendar das almas*, na Quaresma, e o Bendito, nas igrejas». (ob. cit., pág. 42).

Durante toda a semana das festas repetiam-se. E quem tinha armado o *Menino* convidava as pessoas amigas a visitarem-no e, no final, serviam-se bolos, vinho e as clássicas laranjas.

VI

Os Fritos e as Charolas

No dia 31 de Dezembro, dia de S. Silvestre, por todos os lados se verificava um acentuado cheiro a fritos. Eram as filhós, os sonhos, os bolonholos, ou *belenhóis*, as empanadilhas ou trutas (pasteis de massa tenra feita com farinha amassada com banha de porco a ferver, aguardente e sumo de laranja), muito saborosas, com recheio de batata doce, grão ou amêndoa, produtos muito abundantes na região, e o nógado de massa regado com mel.

Os pobrezinhos que não podiam *fregir*, iam de porta em porta, como ainda hoje um pouco, com o Menino Jesus dentro de uma cestinha tecida de ripas de cana, pedindo que, em Seu nome, lhes dessem alguma coisa; e todos davam e ninguém se esquivava fazê-lo. Às vezes mesmo em substituição do Menino Jesus punham qualquer estampa de santo, pelo que essa prática festiva tem a designação de «pedir o santinho». E as portas dos abastados e remediados abriam-se, para que, nesses dias de festa, não houvesse tristeza nos lares e, sobretudo, nas criancinhas. Aos mais pobres era vulgar ouvir dizer-se: «este ano não *frijo*, pois o ano foi mau».

Chegada a noite começavam a aparecer pelas ruas das povoações e pelos caminhos as janeiras (charolas), isto é, grupos de rapazes e até de velhos com a alma de novos, bem entendido, que iam às casas cantar. Nas dos amigos, cantavam imediatamente e nas duvidosas perguntavam: «quer que cante»?

Terminado o cântico, entravam e comiam, pois a mesa nesses dias estava sempre posta: uma grande travessa de filhós (ou *filhoses*) como o povo diz, vinho e as laranjas.

Nas casas onde haviam raparigas tocavam para bailar, não os bailes modernos excitadores dos sentidos, mas as polcas, as valsas, a dois e três tempos, estas muito difíceis de bailar, as marchas e os corridinhos de uma alegria extraordinária, em que as próprias velhas faziam muitas vezes o seu *pé de valsa*, recordando os tempos da sua juventude já distante.

Em tudo isto havia alegria sadia e comunicativa e não o ambiente morno que, por via de regra, se verifica nos bailes de hoje.

O cântico de então era principalmente «os pastores» que hoje quase ninguém sabe; música de sabor alentejano, imponente.

Os «pastores» fazem lembrar música medieval e sacra, própria para o ambiente dos templos românicos e góticos.

A letra dessa música é a seguinte:

Pastores do verde prado,
Despertai para vosso bem,
Deixai por agora o gado,
Andai, vamos a Belém.

Andai, vamos a Belém
Que temos muito que ver,
Vamos ver o Rei da Glória
Que por nós há-de morrer.

Entraí pastores entraí
Por esse portal sagrado,
Vereis estar o Deus Menino
Numas palhinhas deitado.

Entraí pastores entraí,
Por esse portal a dentro,
Vereis estar o Deus Menino
Adorando o Sacramento.

Sacramento é morgado
Que Deus Deixou à Igreja,
Cada um tome seu estado
Como pretende ou deseja.

Cantava-se também, como ainda hoje, uma música tipicamente algarvia que, estamos em crer, de origem árabe: espécie de *lancantina* que parece nunca mais terminar.

À frente desses grupos ia o *principiador*, homem versado nestas coisas que sabia toda a longa oração de cor, sem lhe faltar sequer uma vírgula.

Vejamos umas dessas orações ao Menino Jesus:

Era uma pura donzela
Com sua virtude e fé,
Anunciada pelo Anjo
Casada com S. José.

S. José deixou a Virgem,
Só pelo mundo quis andar
Veio um Anjo do céu à terra
S. José veio encontrar.

Volta para trás José,
Não sigas o teu intento,
Que a Virgem foi anunciada
Pelo Divino Espírito Santo.

S. José para trás voltou,
Com prazer e alegria,
Só trazia no sentido
Onde a Virgem se encontraria

Deus te salve Virgem pura,
Sempre pura e imaculada,
Só te peço que nos peças
Aos parentes *poisada*.

Três palavras disse a Virgem
Quando nasceu o Menino:
Deus te salve bago douro
Meu Sacramento divino.

Da idade de treze anos
Foi a Virgem desprezada,
Anunciada por um Anjo
A Virgem não foi culpada.

Os parentes ou irmãos
Não nos dão aqui *poisada*,
A uma pura donzela
Que trago muito cansada.

Eu *poisada* vos daria
Naquela própria ramada:
Disse José para Maria
Anda minha esposa amada
Vamos bater a outra porta,
Que aqui não nos dão *poisada*

S. José com paciência
Às escuras, sem ter luz,
Estava a Virgem anunciada
Para nascer o bom Jesus.

S. José pegou numas palmas,
Ali formou a mangedoura,
Nasceu o bom Jesus,
Filho de Nossa Senhora.

Três palavras disse a Virgem
Quando o Menino nasceu:
Deus te salve bago douro
Rei da glória, filho meu.

Esta «Oração do Menino», foi-nos ditada por um desses *principiadores*, o sr. Francisco Estêvão Costa, de Moncarapacho, já falecido. Tanto ele como muitos outros, ajudaram a animar a quadra da Natividade e dos Reis nesta zona do Algarve, até há bem poucos anos. E nós mesmo, na nossa adoles-

cência, participávamos também, activamente, nessas festas ingénuas e simples, cantando com a rapaziada amiga, de porta em porta, ao som de bandolins, violas, castanholas e pandeiretas, em louvor de Deus Menino.

Ditou-nos ainda o sr. Francisco Estêvão Costa mais a seguinte *oração* e as respectivas *chacotas*:

Senhora do Pé da Cruz
Com o seu cordão de ouro fino,
Peço licença, Senhora,
Querem cantar ao Menino.

O meu Menino Jesus,
O que leva nesse balaio,
Levo lágrimas da Virgem
Choradas no mês de Maio.

Querem cantar ao Menino,
E querem levá-lo na mão
E querem dá-lo a beijar
A todo o fiel cristão.

Pastorinhos do deserto
Corram todos a Belém
A beijar o Deus Menino
Que nasceu para o nosso bem.

Ó meu Menino Jesus,
O que leva nessa joeira,
Levo lágrimas da Virgem
Choradas à sexta-feira.

Também em Moncarapacho se cantava em tempos esta quadra muito curiosa:

Ó meu Menino Jesus,
Quem lhe deu a bandeirinha
Deu-me El-Rei D. José
Filho da nossa Rainha.

(foi-nos ditada pela Senhora
D. Maria Isabel Coelho Pacheco, também já falecida).

Terminada a *oração* os *charoleiros* dirigiam-se aos donos da casa com *chacotas*, estas, por exemplo:

Senhora que está lá dentro,
Veja se o barril escorre;
Trago aqui um companheiro
Se não bebe vinho morre.

Senhora que está lá dentro,
Caixinha do seu ferrolho
A sua filha mais velha
Já me está a piscar o olho.

Esta casa, casa é,
Talhadinha ao picão,
Senhora que mora nela
Deus lhe dei a salvação.

Lá vai uma, lá vão duas,
Para cima do seu telhado
Deus lhe dei muita saúde
Para aquilo que tem *sameado*.

Senhora que está lá dentro,
Raminho de salsa crua,
Debaixo da sua cama,
Põe-se o Sol e nasce a Lua.

Quando vinha além abaixo
Encalhei numa tamiça,
Logo disse aos meus compa-
[nheiros
Que aqui davam chouriça.

A referência a Nossa Senhora do Pé da Cruz, aliás nada a propósito, diga-se de passagem, filia-se na fé que existe em Moncarapacho pela Virgem sob essa invocação, que ao cimo da aldeia se venera na sua capelinha branca, qual pomba a esvoaçar por entre o verde dos arvoredos.

Nesta capela se realizavam, noutros tempos, as novenas que precediam a festa da feira da aldeia, em 30 de Setembro e 1 de Outubro.

A imagem venerada, diga-se a título de informação, é uma escultura de admirável beleza, que a coloca, sem sombra de exagero, na categoria das melhores imagens do Algarve.

E assim cantando, continuavam as janeiras, por montes e vales, até alto dia 1 de Janeiro.

Posteriormente, começaram a realizar, aqui e acolá, competições de charolas com prémios e júris nomeados para o fim em vista.

Embora sem aquele espírito espontâneo e religioso de que primitivamente se revestiam, algumas delas são interessantes e atraem aos locais escolhidos para o concurso imensa gente das redondezas.

Vinha a festa da Epifania ou dos Reis e a função repetia-se com o mesmo entusiasmo.

Deve entretanto dizer-se que esta festa figurou junto à da Natividade até meados do século IV, pois «foi só a partir do ano 354 que o Natal se fixou em 25 de Dezembro e o dia de Reis a 6 de Janeiro» (*Origens da Natividade na arte*, pelo Prof. Reynaldo dos Santos — Artes e Letras, «Diário de Notícias», de 25-12-1957).

Nalgumas terras, iam à espera dos Reis Magos em luzido cortejo, como em Olhão e Vila Real de Santo António. Nou-

tras, sobretudo na beira-serra, continuavam as charolas, na véspera e no dia de Reis com versos adequados à solenidade do dia.

Aí vão alguns deles :

Muita gente deu notícia
Lá na banda do nascente,
Viram nascer uma estrela
Brilhante e luzedente.

Qual são os três cavalheiros
Que fazem sombra no mar?
Rei *Balchor* e Rei Gaspar,
E também Rei Baltazar.

Mandou Deus do céu à terra
Uma estrela *luzedente*
Para acompanhar os Magos
Que vêm do Oriente.

Não perguntam por *poisada*
Nem onde ir anoitar,
Perguntam pelo Deus Menino
Sem no poder encontrar.

Veio o anjo embaixador
Com uma estrela na mão,
Chegaram às portas de Herodes
Ficaram na escuridão.

Fui à fonte da Palestina,
Toda a fé que ela derrama
Logo ali me apareceu
Um boinho e uma zitana (mula).

O boinho era bento,
Tapava com a armadura;
E a mula maliciosa
Destapava com a ferradura.

Passaram vales e montes,
Buscando o Rei Messias,
Viagem de quatro semanas
Fizeram-na em oito dias.

(Ditados pelo sr. Francisco Estêvão Costa em 1959)

A 5.^a quadra referente aos Reis é cantada no próprio Algarve com outras variantes, tais como as seguintes:

Além vêm três cavalheiros
Que fazem sombra no mar,
São os três reis do Oriente
Que o bom Jesus vêm adorar.

Quem são os três cavaleiros
Que fazem sombra no mar?
São os três reis do Oriente
Gaspar, Belchior e Baltazar!

A tradição refere que um desses sábios do Oriente que se julga que eram reis da Arábia ou da Pérsia, chama-se Melchior. Claro que o Belchior é, portanto, uma corruptela de Melchior.

A par das charolas havia pròpriamente o cantar dos Reis, que parece também música alentejana, dolente e grave.

Este cântico, a duas e três vozes, era lindo e hoje pode dizer-se que ninguém o canta.

Como pelo Ano Bom os bailes continuavam e as festas repetiam-se.

A letra desse cântico dos Reis era a seguinte:

Chegados são do Oriente
Três Reis que vêm adorar
Com devoção singular
A Jesus omnipotente.

Já prostam coroas reais
Aos pés do belo Menino,
Dizendo verbo divino
Santificado sejais.

A jornada de um ano
Andaram em treze dias
Com favor da Mãe Soberana
E do Infante Rei Messias.

Benta a Mãe que vos pariu,
Bento quem vos cá mandou
Que nos vem restituir
O que Eva nos roubou.

Guiados por uma estrela
Foram parar a Belém,
Lá no Presépio acharam
Jesus, Maria, José.

No dia de Reis, à noite, à semelhança do Natal, realizavam-se as representações dos autos.

Desta vez eram os autos dos Reis. Um deles, exibido no Algarve, tinha até músicas próprias. Tais músicas também que o sabemos, não se encontram escritas e como as do Auto Sacramental, têm-las igualmente gravadas para as publicar, a fim de que não fiquem perdidas para sempre, como tantas canções algarvias de que não restam vestígios.

Eis uns dos versos do Auto de Reis:

À pressa Reis vais guiado
Por uma luz
Que te guia os passos;

Tu serás acompanhado
Pelos Reis da Etiópia e Tarso
Ail.....

Eu também humilde prosto
 Aos vossos pés o meu turbante;
 O nosso cetro perde a força
 Quando vê outro imperante.

A luz, bem entendido, era a estrela que lhes indicou o caminho de Belém, aquela estrela a que se refere o Evangelho de S. Mateus, 2, nos seguintes termos:

«Tendo pois Jesus nascido em Belém de Judá, no tempo do rei Herodes, chegaram do Oriente uns magos a Jerusalém, dizendo: «Onde está o rei dos judeus que acaba de nascer? Pois vimos a sua estrela no Oriente e viemos adorá-lo».

Quanto propriamente ao *Menino Jesus* (presépio), só o desarmavam muito depois dos Reis, como dissemos na devida altura, já com as searas muito crescidas e amareladas e a murta meio seca.

Festas de cunho tradicional, elas representam qualquer coisa de grande na vida dos povos e constituem, sem dúvida, um valioso repositório dos seus sentimentos e da sua alma.

Estes apontamentos sobre as festas da Natividade e da Epifania no Algarve, são os que publicamos em 28 de Dezembro de 1941 no *Povo Algarvio*, no suplemento *Letras e Artes* das «Novidades», de Janeiro de 1948, muito refundidos e ampliados. Constituem mais uma achega para o estudo desta importante e bela quadra festiva.

Na raia, particularmente em Castro Marim, alguns dos versos das janeiras são em castelhano e acompanhados a canções, o que aliás não admira, dada a sua proximidade de terras de Espanha.

Esta noche nace ninõ
 Es mentira que nam nasce
 Estas son las cerimonias
 Que todo los anos se acen.

El santo llorava
 E el ninõ dormia

 Pelo frio que fazia.

La Virgem Maria
 Sus pelos tem Dió
 Isso una cadena
 Que à ciêlo llegou.

Idênticos cânticos entoavam os ciganos em Moncarapacho noutros tempos. Certamente por influência também espanhola.

Ainda em Castro Marim cantam os seguintes versos pelas janeiras :

A Virgem lavava,
S. José estendia,
O Menino chorava,
De frio que fazia.

Vindo eu de lá tão longe,
Disse logo ao meu parceiro
Esta casa cheira a fritos,
Eu não me enganei no cheiro.

Ó meu Menino Jesus
Boquinha de requeijão,
Venha-me dar a merenda
Que minha mãe não tem pão.

Além vêm três cavalheiros
Que fazem sombra no mar;
São três Reis do Oriente
Que a Jesus vêm adorar.

Ainda no Algarve, cantavam-se outras janeiras além das indicadas, umas antigas e outras modernas.

Entre as primeiras destacam-se estes dois versos :

De varão nasceu a vara
Da vara nasceu a flor
Da flor nasceu Maria
De Maria o Redentor.

Aqui vimos possuídos
De prazer e alegria
Adorar o Deus Menino
Filho da Virgem Maria.

A flor de que se fala na primeira quadra, é uma alusão à lenda de que a Virgem nasceu duma rosa (*Cristo no seu tempo*, por Daniel Robs). Por outro lado, em Portugal existe um quadro da escola portuguesa. «A Virgem entre rosas» e na devoção do Mês de Maria cantava-se muitas vezes :

«Formoso botão de Rosa»,
Que nasce ao romper do dia;
Ó pura e cheia de graça
Eu te saúdo Maria!

Da autoria do maestro Braga, o qual foi regente da secular filarmónica de Moncarapacho, cantou-se nessa aldeia uma boa

charola em que fomos com o nosso primo e amigo José da Silva, ainda meninos e moços, os respectivos solistas.

A sua letra era a seguinte:

Uma estrela brilhava no céu
A cumprir as fatais profecias
Com seu brilho dizia ao Mundo
Já nasceu em Belém o Messias

Chacotas

Eu não sou o rei Herodes
Nem de galos inocentes
Se nos quereis ver contentes
Untai-nos cá bem os bigodes.

Côro

Mil hinos de Graça
Aos céus elevemos
Nós, filhos da Virgem,
Fiéis adoremos.

Mandai-nos as linguças
E um galo recheado,
Uma alcofa de pão mole
E um porco chamuscado.

Com a devida vénia, também se insere um conto da nossa autoria, publicado a convite do nosso prezado amigo e colega João da Silva Leitão, no «Jornal de Moçamedes», da nossa província de Angola.

A cena passa-se entre gente algarvia, da aldeia de Moncarapacho, que foi palco de honrados cavaleiros que iam meter também «a sua lança em Africa», sendo de Frei João de S. José as seguintes palavras que vêm muito a propósito: «e é toda a gente, lustrosa, e de opinião, e que aos repiques dos mouros que pelo verão muitas vezes nestas partes há não são os derradeiros que acodem». (*Corographia do Reyno do Algarve* — obra manuscrita).

O local que idealizamos foi o sítio da Jordana na freguesia de Moncarapacho e o templo, aquele onde recebemos a santa água do baptismo e fizemos a nossa primeira comunhão, dado que o santo crisma, o sacramento que nos fez soldado de Cristo, recebêmo-lo na Igreja da Luz, dessa ridente aldeia do concelho de Tavira, que consideramos como a nossa segunda terra.

É um conto; e um conto não é de forma alguma uma história autêntica. Todavia, a sua base é certa e, portanto, roçando muito pela verdade. Inserimo-lo unicamente nessa qualidade para melhor concretizarmos o que anteriormente dissemos no texto deste trabalho sobre as festas da Natividade.

VII

Tradições do Natal Algarvio

O REGRESSO DO FIDALGO

A saudade do lar e da terra era grande, embora ele fosse um homem de ânimo forte, habituado a combater nas plagas do Magreb, em defesa das praças de Fez, Tânger e Mazagão.

A quadra do Natal aproximava-se e essa grande saudade mais se acentuava à medida que os dias iam passando.

Fidalgo de nobre estirpe, tinha deixado o seu solar no ridente Algarve, entregue aos cuidados de sua mulher que, rodeada de filhos e criados, ansiava pelo seu regresso.

Se o fidalgo não chegasse não haveria festa no solar pelo Natal, Ano Novo e Reis. Passariam esses dias festivos entregues à meditação dos factos que determinaram tais festas.

Quando estavam em tais conjecturas, eis que no dia 24 de Dezembro, de madrugada, ouvem bater as grandes argolas do velho portão da casa.

De sobressalto abrem a porta e quem surge? O fidalgo e guerreiro, alegre por ter cumprido os seus deveres para com a Pátria, poder abraçar os seus que há muito tempo os não via e passar a consoada no remanso da sua casa.

Toda a gente se ergue para o saudar e mal o sol nasce, tudo se apresta para que as festas no solar tenham o esplendor tradicional de outros anos atrás. O fidalgo quer, porém, que elas se revistam de um cunho marcadamente algarvio.

O dia rapidamente se passou em narrativas dos factos ocorridos em África, que tanto honraram o brasão da família e veio a noite — a grande noite de Natal.

Cerca das onze horas, tudo se dirige para a Igreja Matriz da aldeia que fica um pouco distante do solar. Vão à tradicional Missa do Galo, quer por devoção sincera, quer também para darem o exemplo aos seus servidores e familiares.

À meia-noite, o velho prior revestido de longa casula branca bordada a ouro, inicia a celebração da Missa que o po-

vo acompanha com cânticos próprios da quadra festiva. E no final da cerimónia o fidalgo e os seus vão beijar a imagem do Menino Jesus que, entre incenso, luzes e flores é retirado do Presépio, enquanto os sinos repicam alegremente, anunciando o grande acontecimento passado em Belém, que o povo festeja com as suas maiores galas e, sobretudo, com o melhor da sua alma e da sua fé.

Terminada a Missa o fidalgo e a família regressam a casa, para darem início à tradicional ceia do Natal, de cuja ementa fazem parte o lombo de porco frito de vinha de alhos, as linguças assadas no espeto, acompanhadas de pão de trigo e regadas com vinho das vastas propriedades do fidalgo, assim como os bolos folhados e as laranjas.

Reina a alegria por toda a parte. Acendem-se os grandes candelabros do solar e enquanto os patrões ceiam, o mesmo fazem os criados, junto da lareira da grande cozinha. Por fim, como se todos fossem da família, reúnem-se no salão nobre, onde, sobre uma cómoda forrada de alva toalha de linho, se ergue num trono o Menino Jesus, cercado de searinhas (o trigo germinado em pratinhos), de cabeleiras (ervilhacas germinadas em vasos colocados em sítios privados de luz), murta fresca, flores multicores em papel brilhante, laranjas e luzes, pois o Presépio tradicional do Algarve é assim.

Os criados cantam os «Pastores» e outras velhas músicas do Natal e a festa prolonga-se até altas horas. Ninguém tem sono nessa noite santa e as próprias crianças que não foram à Missa, por serem ainda muito pequenas, levantam-se para ir ver o que o Menino Jesus lhes ofereceu nos sapatinhos que deixaram à lareira.

No dia seguinte, a festa prossegue e tanto o fidalgo como a família vão assistir ao «Auto Sacramental» que se representa no adro da Igreja, onde, na noite anterior, foi celebrada a Missa do Galo.

Peça de autor desconhecido, mas cheia de unção e graça, a todos ela encanta. Apesar de todos os anos se repetir parece sempre nova, despertando o maior interesse, até no senhor prior que lá está também entre os seus paroquianos.

De regresso do auto segue-se o jantar da festa, este servido com aparato e luxo. A melhor baixela do solar sai da arca de castanho que se vê a um topo da sala de jantar. Por fim, fazem-se os brindes pelo regresso do fidalgo e pelas prosperidades dos membros da ilustre família, presentes e ausentes.

Como quase todas as pessoas, quer da aldeia, quer dos campos, armaram os seus presépios (o Menino Jesus, como se diz no Algarve), o fidalgo com a família visitam alguns deles, sobretudo os de pessoas com que têm relações de amizade.

Nessas visitas lá aparecem sempre os bolos folhados e as bebidas.

A semana da Festa passa a correr, como aliás todo o tempo quando nos sentimos bem.

Entretanto, vem a véspera do Ano Bom.

No solar e por todas as casas ricas, remediadas e pobres, se preparam os fritos para a noite do fim do ano.

Há cheiro a azeite por toda a parte: azeite da última colheita que, nesse ano do século de quinhentos, tinha sido abundante e bom.

Em enormes tachos de arame muito amarelo, são fritos na grande cozinha da casa os bolinhos, as filhoses e as empanadilhas, também designadas por trutas ou azevias, com saboroso recheio de amêndoa, muito regional, ou grão de bico.

Com eles enchem-se grandes travessas de barro vidrado da região e de finas porcelanas. São os fritos para a família do fidalgo e seus servidores, para as *charolas* (as Janeiras do Algarve) e para as crianças que durante a tarde das vésperas do Ano Bom e dos Reis, andam de porta em porta, a dar a «beijar o santinho», isto é, o Menino Jesus colocado num balainho de verga ou de cana com flores.

Uma outra parte dos fritos, como referimos, é reservada para as *charolas*, que durante a noite e alto dia, andam pelos montes, fazendo ouvir os seus cantares ao Menino Jesus.

O fidalgo também quer receber as *charolas* e tudo se apresta para isso no solar.

Cerca das 10 horas da noite, houve-se bater à porta. Uma voz pergunta: «quer que cante?» Cante, é a resposta pronta que soa do interior do solar. E o rancho de rapazes com o seu harmónio, castanholas e pandeiretas, imediatamente inicia a «oração» ao Menino, numa toada alegre, muito algarvia, cuja origem se perde na noite dos séculos.

Uma das músicas que cantam, é uma cega-rega, talvez de origem arábica que um deles inicia (o principiator) e todos repetem em coro.

Eis algumas quadras dessa «oração» que ainda se ouvem pelo Algarve:

«Três palavras disse a Virgem
Quando nasceu o Menino
Deus Te salve bago douro,
Meu Sacramento Divino.

Três palavras disse a Virgem
Quando o Menino nasceu
Deus Te salve bago douro
Rei da glória, filho meu».

Por último, cantam as chacotas; quadras dedicadas aos donos da casa, tais como estas:

«Senhora que está lá dentro
Veja se o barril escorre
Trago aqui um companheiro
Se não bebe vinho morre.

Senhora que está lá dentro,
Caixinha do seu ferrolho,
A sua filha mais velha
Já me está a piscar o olho.»

A porta abre-se e o rancho entra para a sala de jantar, onde a família se encontra reunida.

Os criados servem os fritos e o vinho aos charoleiros. Ao mesmo tempo, um deles percorre a sala, mostrando o Menino Jesus dentro de um balaio ornamentado com flores de latilhas multicores e lantejoulas.

Como trazem música para o baile, tocam alguns números do seu repertório designadamente um corridinho, que as raparigas da casa e convidadas dançam em redor da mesa, enchendo o ambiente de alegria e jovialidade.

Depois dessa *charola* outros chegam e a cena repete-se até altas horas da madrugada. Um dos grupos, porém, em vez da tradicional «oração», canta os pastores, uma música de gosto

medieval, cheia de religiosidade. É a *charola* das pessoas mais idosas que não quiseram deixar de festejar o Ano Bom, cantando ao Deus Menino.

Pela Epifania o mesmo se verifica. Porém, em vez das músicas do Ano Bom cantam os "Reis", composição solene que parece vir da imensidade dos desertos, por onde passaram os Magos, guiados pela estrela.

E o coro começa com as seguintes quadras:

«Chegados são do Oriente
Três Reis que vêm adorar
Sendo Vós singular
E Jesus omnipotente.

Passaram vales e montes
Buscando o Rei Messias
Viagem de quatro semanas
Fizeram em oito dias.

Mandou Deus do céu à terra
Uma estrela luzedente
Para acompanhar os Magos
Que vêm do Oriente.»

As festas terminaram e o fidalgo parte para o seu posto. Mas, quando regressa, já as amendoeiras como por encanto começam a florir, transformando o Algarve num imenso jardim de alvura imaculada que o luar de Janeiro enche de poalha de prata, assim como o mar, por onde singram as caravelas que, em demanda de Marrocos, o levam a "meter novas lanças em Africa".

NOTA

Cumpre-nos manifestar o nosso reconhecimento ao nosso querido Amigo e antigo condiscípulo, Senhor Ezequiel Navarro Pedro, pela atenção de se ter encarregado de rever as provas deste trabalho, dada a enorme distância a que nos encontramos da tipografia — em Moçambique, na Vila Trigo de Morais.

ÍNDICE

	<i>Pág.</i>
<i>I — Considerações gerais</i>	<i>5</i>
<i>II — Como armavam o Menino Jesus</i>	<i>5</i>
<i>III — A Noite de Natal</i>	<i>7</i>
<i>IV — No Dia de Natal</i>	<i>9</i>
<i>V — Representação dos Autos Sacramentais . . *</i>	<i>9</i>
<i>VI — Os fritos e as charolas</i>	<i>13</i>
<i>VII — Tradições do Natal Algarvio — O Regresso do Fidalgo</i>	<i>23</i>

192

A

B

C

D

E

F

G

H

I

J